

REVISTA  
**FILOSÓFICA**  
DE  
COIMBRA

vol. 24 - número 48 - outubro 2015

vol. 24 - número 48 - outubro 2015

Fundação Eng. António de Almeida



Versão integral disponível em [digitalis.uc.pt](http://digitalis.uc.pt)

## TRADUZINDO

JEAN-LUC NANCY

### JOUIS ANNIVERSAIRE!\*

(«cenas da vida interior» – para o décimo aniversário da morte de Jacques Derrida)\*\*

«Ce temps du survivre

donne ainsi le temps de l'amitié.»

J. Derrida, *Politiques de l'amitié*, p. 31.

\* *Jouis anniversaire!* é o título da conferência de abertura proferida por Jean-Luc Nancy no Colóquio Internacional *Heranças e Promessas da Desconstrução* que, organizado por Andreia Carvalho, Bruno Padilha e Fernanda Bernardo, decorreu na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra de 9 a 11 de Outubro de 2014. Subintitulado («“cenas da vida interior” – para o décimo aniversário da morte de Jacques Derrida»), trata-se de um título literalmente intraduzível na economia da sua júbilo-ciosidade poética: é que, fazendo ressoar logo à partida o *glas* do fonema ou da palavra, assim mimetizando e sugerindo de imediato aquilo mesmo de que vai falar (a saber, da singular originariedade de um trabalho de luto que se faz *a não se fazer* como trabalho da língua como escrita auto-bio-thanato-hetero-gráfica, como ex-apropriação enlutada *e* de si próprio *e* da língua, de *si* próprio na sua in-finita ex-apropriação da língua *do* outro), o canto da letra *J* – talvez não por acaso, em francês, a inicial de «*Je*» («eu»), de «*Jacques*» (Derrida) e de «*Jean-Luc*» (Nancy), mas também de «*Jeu*» («jogo»), de «*Jouissance*» («fruição») e de «*Je m'éc*» («*escrevo-me*») – põe em jogo e desafia, o canto da letra *J*, na sua exclamação (!) prazerosa e imperativa, a inteireza e a delimitação significantes da («*plus d'une*» – «mais de uma»/«nem mais uma») palavra «*jouis*», presente do indicativo ou imperativo presente do verbo «*jouir*» («fruir», «gozar», «ter prazer», «desfrutar») no tremor da elipse que sugere a sua quase homofonia familiar com «*jouissif*» («prazeroso») e, sobretudo, com «*joyeux*» («feliz», «alegre»). Mas também com «*J'oui*», «eu, sim» ou «sim, eu» ... insinuando a «primeira palavra» da língua como uma *resposta* e uma *apresentação/acusação de si* – mas também como a *afirmação incondicional* que é própria ao idioma da Desconstrução. Como uma espécie de *gaguez* ou de *solução* na voz a marcar a tensão do arbatamento da

fruição – sempre tão infinitamente desejável quanto impossível (Lacan, Derrida, Nancy) – a erotizar à partida tanto a relação (hetero-auto-nómico-dissimétrica) a si (como *si*, justamente), como a *paixão* da escrita, o *peso* do pensamento e a própria pulsão (*Trieb*) filosófica? Como uma espécie de voz sem voz a sugerir o *aqui e agora* de *um glas* tanto quanto o *glas* de *um aqui e agora*? De *um glas do outro como de si mesmo como outro*? *Mais de um/nem sequer um glas*, portanto, ou *glas* sobre *glas*, a lembrar que não há *graphein*, que não há *assinatura* que não brote de uma ferida insarável – «Marca com um sinal vermelho a primeira página do livro, porque a ferida está inscrita no seu começo», diz E. Jabès.

Escrito a lembrar e *para* lembrar uma data dolorosa – «*para o décimo aniversário da morte de Jacques Derrida*» –, **Jouis anniversaire!** configura o *dom* de uma leitura de Jean-Luc Nancy do corpus derridiano, sobretudo de *Glas* (Paris: Galilée, 1974), uma das mais impossíveis e poderosas obras de Jacques Derrida, que, percorrida e entrecortada pela sílaba germinal ou seminal «GL», marca da hetero-afecção, da *estritura* da origem e da energia aforística da escrita (*angle*, *glace*, *glane*, *glaive*, *galérien*, *églatine*, *glisser*, *gluant*, *glose*, *glotte*, *Hegel*, *aigle*, *gloire*, (Jean) *Gallien*, um dos nomes de Genet, *glaviau*, *glaïeul*, *glycine*, ...), joga com a noção de jogo que põe em jogo como jogo da *différance*, assim saudando a excepcionalidade do aleatório e assim reafirmando a Desconstrução como um desafiante e vigilante pensamento do evento ou «do que acontece». Desconstruindo igualmente a unidade do livro, abrindo-o infinitamente, e sujeitando o *ser (être)* à obliquidade líquida do *bandear (bander)*, a estrutura formal de *Glas* tanto dramatiza a *double bande – double bind* (dupla banda – duplo laço /dupla obrigação) como ritma a *gráfica da estritura (stricture)* que Jacques Derrida substitui à Lógica (da consciência e da representação) e à Dialéctica da oposição ao pôr aqui em cena, num singular frente-a-frente sem começo nem fim, duas bandas ou duas colunas feridas (ou em auto-desconstrução) des-ligadas: à esquerda, a *coluna* da sua leitura de Hegel (e, portanto, do saber absoluto / SA e da dialéctica (do grego *διαλεκτική*, *arte da discussão*)) – e há que não esquecer que a *différance* se quer a abertura abissal da (tradicional) *Aufhebung* hegeliana em todas as direcções –; à direita, a *coluna* da sua leitura de Jean Genet (da Imaculada Conceção e da galáctica (do grego *γαλακτικό*, *branco como leite*)). Ou seja, de um lado, mas misturando-se, o *Klang* de Hegel, do outro, o *glas* de Genet a fazerem a cena da *paixão* da escrita como uma monumentalização enlutada do *próprio* e do *nome próprio* – como uma cripta singular ou um túmulo da «interioridade» e do «nome» em pedaços (*mors*, *morceaux*, *moignon*).

Lendo *Glas* a partir do motivo da «adoração» [*ad-oratio*], do «para si da adoração» – um modo da *anastasis* do discurso ou da palavra endereçada ao inacessível e também um dos nomes e dos gestos inerentes ao luto do «eu» (como luto *do* outro) no seu interminável *renascer* (Freud, Nancy) –, no *idioma* muito seu de *uma* escuta jubilosa da língua, do ressoar da língua, Jean-Luc Nancy oferece-nos neste texto difícil uma «reflexão» ao rés do corpus derridiano onde se entrecruzam os motivos do «aniversário» e do «dom» – do «dom» sem «presente» e, portanto, para além da *oiko-nomia* –, do tempo, da língua, do eu, do resto, da mão – da mão tateante ou tocante –, do corpo, do próprio e do nome próprio, do sexo e das diferenças sexuais, do sujo e do vulgar, do nobre e do elevado ou do relevado, do falso e do autêntico, da escrita e da vida da morte, ...

No limite, talvez a questão mais insistente que este texto deixe no ar e nos enderece seja a de saber a partir de quê ou de onde e para quem, em direcção a quem se escreve?

F.B.